

# Sobre a fonologia da língua terena de sinais: discussão de métodos de trabalho, pares mínimos e fonemas

*About Terena Sign Language Phonology: discussion of working methods, minimal pairs and phonemes*

Cristina Martins Fargetti<sup>1</sup>  
Priscilla Alyne Sumaio Soares<sup>2</sup>

**Resumo:** Procuramos apresentar neste trabalho algumas questões relacionadas à fonologia da língua terena de sinais. Reconhecida recentemente como uma língua autônoma (SOARES, 2018), ela apresenta claras diferenças com a LIBRAS, como será apontado. Utilizada por surdos da comunidade terena do Mato Grosso do Sul, assim como toda língua de sinais, não se configura como uma transposição da língua oral terena para sinais. Também apresentaremos algumas das diretrizes que seguimos em nossa metodologia de trabalho de campo, construída por nós. Conseguimos, a partir dessa metodologia, encontrar pares mínimos e fonemas na língua de sinais terena. Com isso, pretendemos contribuir para o conhecimento e o reconhecimento das línguas de sinais, em especial, as línguas de sinais indígenas do Brasil.

**Palavras-chave:** Fonologia; Língua de sinais terena; Metodologia.

**Abstract:** We try to present in this paper some questions related to the phonology of the Terena Sign Language. Recently recognized as an autonomous language (SOARES, 2018), it presents clear differences with LIBRAS, as will be pointed out. Used by deaf people in the Terena community of Mato Grosso do Sul, as well as any sign language, it does not constitute a transposition of the oral language terena for signs. We will also present some of the guidelines that we follow in our fieldwork methodology, which we have built. From this methodology we have been able to find minimal pairs and phonemes in the sign language. With this, we intend to contribute to the knowledge and recognition of sign languages, especially the indigenous sign languages of Brazil.

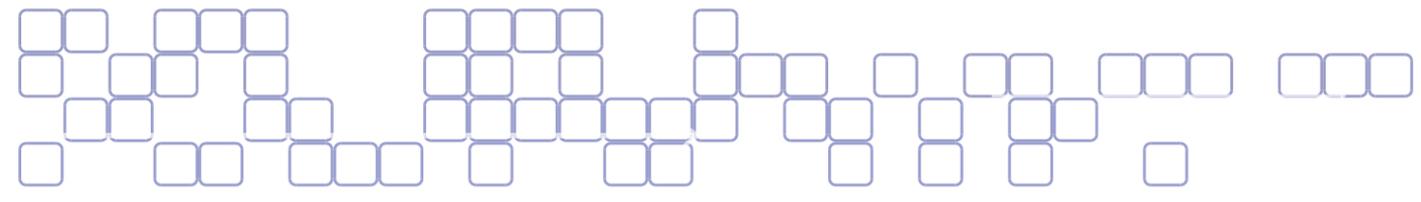
**Keywords:** Phonology; Terena Sign Language; Methodology

## Introdução

O povo terena possui língua homônima que faz parte da família linguística Aruak. Esse povo habita em várias comunidades indígenas nos estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. Segundo o último censo demográfico (2010) divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a etnia terena é a quinta com maior número de indígenas, por localização do domicílio, contando com 28.845 pessoas. Os surdos terenainformantes de nossa pesquisa residem em aldeias que pertencem à Terra Indígena Cachoeirinha, de 4.920 habitantes (Fonte: Instituto Socioambiental, 2010), localizada na cidade de Miranda-MS. Em 2010, recebemos a

<sup>1</sup>Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Linguística, Araraquara, SP. Líder do Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras, LINBRA, do CNPq. [cmfarget@gmail.com](mailto:cmfarget@gmail.com). Apoio financeiro de projeto pelo Edital Universal CNPq-2013, processo número 477669/2013-1

<sup>2</sup>Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara- SP, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Membro do LINBRA. [pri\\_sumaio@hotmail.com](mailto:pri_sumaio@hotmail.com). Bolsista CAPES.



notícia de que havia um alto índice de surdez entre os terena da TI Cachoeirinha. Como é natural surgir uma nova língua de sinais nesses casos (de comunidades com surdos que não têm acesso a uma língua de sinais) havia a hipótese de que os terena teriam uma língua de sinais, entretanto precisávamos coletar e analisar dados para chegar a uma conclusão, porque os sinais que eles estavam utilizando poderiam ser sinais caseiros ou mesmo uma variedade da LIBRAS, que alguns surdos terena aprenderam na escola, na cidade de Miranda. Umadas maneiras de se chegar a essa conclusão é por meio da análise fonológica. Assim como as línguas orais, como o português e o inglês, as línguas de sinais possuem fonemas. O conceito de fonema nas línguas de sinais será abordado a seguir, bem como a metodologia de trabalho que construímos, e exemplos de pares mínimos na língua de sinais terena.

### **Parâmetros fonológicos nas línguas de sinais**

Stokoe (1960) propôs analisar os sinais da American Sign Language (ASL) observando suas unidades menores, parâmetros que não possuem significado isoladamente. São eles:

- Configuração de mão (CM): Refere-se à forma da mão, ou das duas mãos, ao produzir cada sinal. A LIBRAS apresenta 46 CM, segundo Ferreira (2010) (ver Quadro 1 abaixo), um sistema bastante semelhante ao da ASL, porém nem todas as línguas de sinais partilham o mesmo inventário de CM. As CM da LIBRAS foram descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente de acordo com a semelhança entre elas, mas ainda sem uma identificação enquanto CM básicas ou CMs variantes. Portanto, o conjunto de CMs apresentado a seguir refere-se apenas às manifestações de nível fonético, encontradas na LIBRAS.



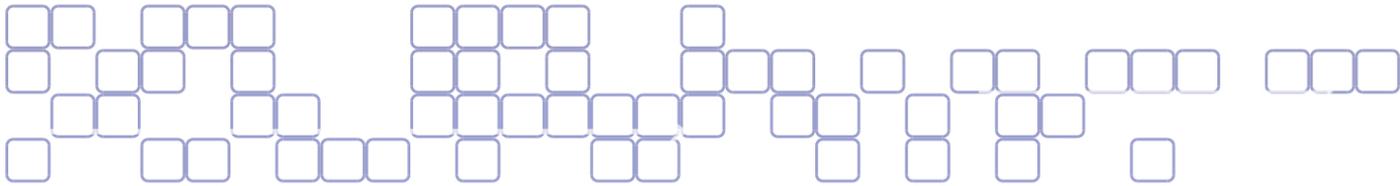
|           |           |           |           |           |           |
|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| 1<br>[B]  | 2<br>[A]  | 3<br>[G]  | 4<br>[C]  | 5<br>[S]  | 6<br>[V]  |
| [B]       | [A]       | [G]       | [C]       | [S]       | [V]       |
| [B]       | [A]       | [G]       | [C]       | [S]       | [V]       |
| [B]       | [A]       | [G]       | [C]       | [S]       | [V]       |
| 7<br>[O]  | 8<br>[F]  | 9<br>[X]  | 10<br>[H] | 11<br>[S] | 12<br>[Y] |
| [O]       | [F]       | [X]       | [H]       | [S]       | [Y]       |
| [O]       | [F]       | [X]       | [H]       | [S]       | [Y]       |
| [O]       | [F]       | [X]       | [H]       | [S]       | [Y]       |
| 13<br>[A] | 14<br>[K] | 15<br>[I] | 16<br>[R] | 17<br>[W] | 18<br>[L] |
| [A]       | [K]       | [I]       | [R]       | [W]       | [L]       |
| [A]       | [K]       | [I]       | [R]       | [W]       | [L]       |
| [A]       | [K]       | [I]       | [R]       | [W]       | [L]       |

**Figura 1:** Configuração de mão  
Fonte: Ferreira (2010,p.220)

Muitos pesquisadores da LIBRAS têm usado o número ou a letra associada a cada uma dessas CM, ou mesmo uma pequena imagem com a CM específica dessa tabela para descrever morfologicamente ou fonologicamente esse parâmetro em um sinal. Para descrever os sinais neste trabalho, porém, optou-se por descrever a CM por extenso, em português, pois se considerou o fato de os sinais terem sido diferentes dos sinais da LIBRAS, inclusive nesse parâmetro, e nunca terem sido descritos linguisticamente antes.

- **Locação ou Ponto de Articulação:** é o lugar do corpo onde o sinal será realizado. Pode ocorrer na região superior (cabeça ou pescoço), média (tronco) ou inferior (da cintura ao meio da coxa). Alguns pontos são mais precisos, como por exemplo a ponta do nariz, e outros são mais abrangentes, como a frente do tórax (FERREIRA BRITO e LANGEVIN, 1995). Parece ainda não existir um consenso sobre a descrição desses pontos de articulação.

- **Movimento:** alguns sinais necessitam de um movimento como bater, deslizar, apertar, girar, etc., para distinguir seu significado. Portanto, uma mão pode aproximar-se, afastar-se ou mover-se no espaço em frente ao corpo; uma mão movimentar-se em direção à outra, que funciona como um apoio; a mão de apoio pode permanecer estática ou seguir o movimento determinado pela mão dominante ou as duas mãos podem fazer um movimento espelhado, aproximando-se ou permanecendo no espaço fixo em relação ao corpo.



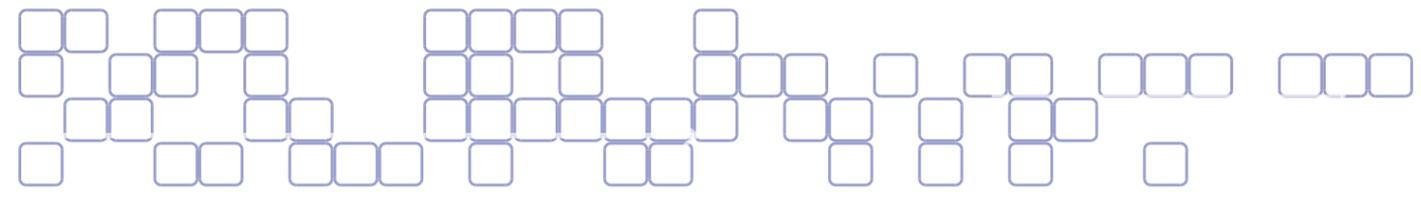
Ferreira(2010) analisou os diversos tipos de movimento. Ela fez uma separação dos movimentos por tipo de Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual; Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado. Ela coloca que os movimentos podem ser de Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar; Eles também podem ser movimentos internos da mão: Torcedura do pulso: rotação, com refreamento; Dobramento do pulso: para cima, para baixo; Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/ gradativo). Os movimentos também podem ter direcionalidade. Eles podem ser unidirecionais: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para um específico ponto referencial; Bidirecionais: para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda. Os movimentos também podem ser analisados pela qualidade, tensão e velocidade, podendo ser classificados como contínuos, de retenção ou refreado. E finalmente, podem ser analisados pela frequência: podem ser simples ou repetidos. Contudo, o Movimento é um parâmetro complexo, que precisa ser mais analisado.

Estudos posteriores ao de Stokoe (BATTISON 1974, 1978) incluíram outros parâmetros fonológicos, descritos a seguir:

- Orientação: é a direção da mão no momento em que o sinal é feito. A direção na qual um sinal é realizado expressa um significado específico e sua inversão de direção pode, em diversos casos, expressar um significado contrário, como no caso de “ajudar” (que pode ser “eu ajudo” ou “eu sou ajudado”, dependendo da orientação) um significado diferente ou, em alguns casos, pode não ter nenhum significado.

- Expressão facial e corporal: muitos sinais precisam estar ligados a uma expressão facial e/ou corporal para dar o sentido apropriado ao termo que designam. Na maioria das vezes é inconsciente, porém natural para ouvintes e surdos apresentarem e modificarem estas expressões, que acompanham o que falam e expressam como se sentem em relação ao que foi narrado. Essas expressões têm o papel de evidenciar desconfiança, veracidade, tristeza, alegria,

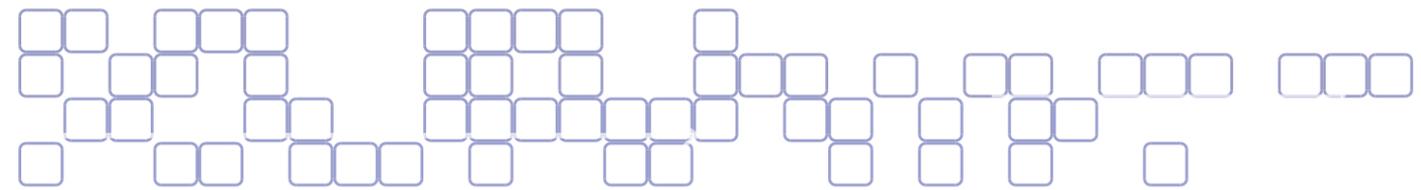




depressão, dúvida e outros sentimentos.

Pfau (2010) explica o que são os fonemas e pares mínimos em linguística de línguas de sinais (por exemplo, no sinal SUMMER e DRY em ASL, em que só o parâmetro locação muda). Foi sugerido que esses parâmetros, bem como os fonemas em línguas orais, são compostos por unidades menores. O pesquisador explica quais seriam essas unidades menores. Para configuração de mão, por exemplo, são definidos quais dedos são selecionados e qual a posição desses dedos (PFAU, 2010). Então, assim como nos estudos de línguas orais, existem trabalhos de análise de segmentos (Fonologia Autossegmental) de línguas de sinais. Já foi constatado que os sinais das línguas visuais possuem estrutura interna e são formados por, no mínimo, uma configuração de mão, uma orientação da palma da mão, uma locação, um movimento e um componente não-manual. Stokoe (1960) destacou o fato de que nas línguas de sinais, ao contrário do que acontece nas línguas orais, os segmentos são combinados simultaneamente (e não sequencialmente) (STOKOE,1960). Entretanto, estudos posteriores mostraram que os sinais são segmentáveis sequencialmente, em locações (L) e movimentos (M). Em diversos sinais da LIBRAS, por exemplo, temos a seguinte sequência de segmentos: L-M-L. Sendo assim, considerou-se inicialmente que o movimento é que define a sílaba (como unidade fonológica basilar) em um sinal. Entretanto, posteriormente surgiram estudos, como o do pesquisador brasileiro Aguiar (2013) que fez uma nova proposta de sílaba em LIBRAS. Ele considera que o parâmetro movimento não existe em todos os sinais, ou, se existe, é o chamado movimento transicional, o movimento que ocorre quando o sinalizador termina um sinal e inicia outro. Por isso ele considera que o ponto de articulação, na verdade, é que constitui o núcleo da sílaba de um sinal, uma vez que o movimento de um sinal só existe porque ele é composto de mais de uma locação. Existem estudos também sobre a existência de pares análogos e alofones em línguas de sinais. Já foi detectada a existência de configurações de mão alofônicas e de variação livre e distribuição complementar em diversas línguas de sinais. Descobriu-se, por exemplo, que a língua de sinais indígena Adamorobe possui 7 configurações de mão (VAN DER KOOJI, 2002;NYST, 2007) e que a língua de sinais da Holanda possui 31 configurações de mão fonêmicas. Já foram estudados também os componentes não-manuais dos sinais, os gestos de boca, e o 'mouthing' (geralmente são



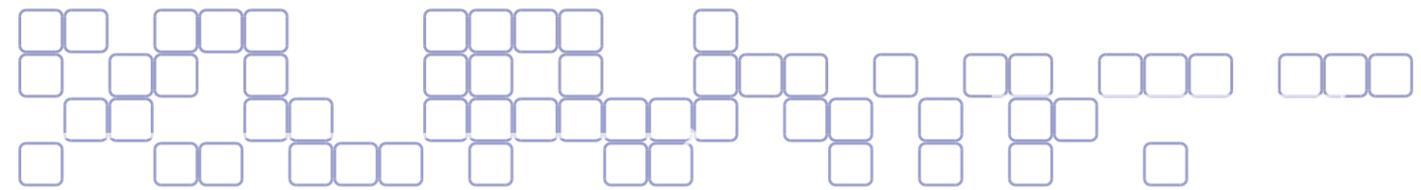


articulações silenciosas que correspondem a palavras da língua oral mais próxima daquela língua de sinais, ou, quando feita em uma sílaba, geralmente ocorre na primeira sílaba). Ao mesmo tempo em que o mouthing não acrescenta nada ao significado dos sinais, alguns desfazem ambiguidades. Por exemplo, no sinal em língua holandesa de sinais que em geral significa PEQUENO-OBJETO, o mouthing diferencia os sinais ERVILHA, PÉROLA e DETALHE (PFAU;QUER, 2014, p. 1).

Como se pode perceber, uma das concepções equivocadas sobre línguas de sinais é a de que elas são inteiramente articuladas pelas mãos e possivelmente o antebraço. As mãos são muito importantes, mas outros articuladores (o corpo, a cabeça, e a face ou partes dela) são tão importantes quanto os articuladores já citados. Estudos mostram que sinalizadores, quando conversam, focam sua atenção não nas mãos, mas na face, onde informação gramatical essencial está codificada não-manualmente (SIPLE, 1978; SWISHER et al. 1989 apud PFAU; QUER, 2014, p. 1). Componentes não manuais com significado linguístico devem ser distinguidos de marcas não-manuais puramente afetivas como expressões faciais ou movimento de cabeça expressando desgosto, descrença ou surpresa, usados pelos surdos e pelos ouvintes (idem, p.1). Sinais podem ser lexicalizados por um movimento particular de cabeça ou de corpo específico, por exemplo, em várias línguas de sinais o sinal para “dormir” envolve um movimento de cabeça para o lado. Sinais também podem ser lexicalizados pela presença de expressão facial específica que tem uma relação aproximada com a semântica de um sinal. Por exemplo, sinais adjetivos como FELIZ, BRAVO, SURPRESO, que expressam emoções ou até mesmo sensações, como o sinal para AZEDO. A ausência de expressão facial pode determinar um par mínimo como PENA (PIEIDADE) e SE APAIXONAR na língua catalã de sinais (idem, p. 2).

Existem restrições claramente fonológicas em línguas de sinais, e não de natureza física, assim como nas línguas orais. Podemos observar isso nos sinais BICICLETA em comparação com os sinais CHÁ e PAGAR na ASL, pois é possível realizar um sinal com uma configuração de mão diferente em cada mão, mas isso é atípico em línguas de sinais. Fenômenos linguísticos como antecipação de consoante ou troca de consoante nas línguas orais também ocorrem em línguas de sinais com antecipação de configuração de mão e troca de locação entre dois sinais (p. 66). Um tipo de gagueira também pode ocorrer em línguas de sinais assim como





ocorre em línguas orais. Como nas línguas orais, blocos fonológicos de línguas de sinais podem ser usados criativamente em brincadeiras e poemas (KLIMA; BELLUGI, 1979). Os dois articuladores (duas mãos) podem ser usados para efeito poético. Essa propriedade é apenas das línguas de sinais, claro, mas sinalizar duas frases simultaneamente é impossível no uso normal da língua.

Estudiosos da LIBRAS, como por exemplo, Xavier e Barbosa (2014, p. 2) dão alguns exemplos de pares mínimos dessa língua. Colocamos um desses exemplos a seguir:



Figura 2: Exemplo de par mínimo  
Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 374)

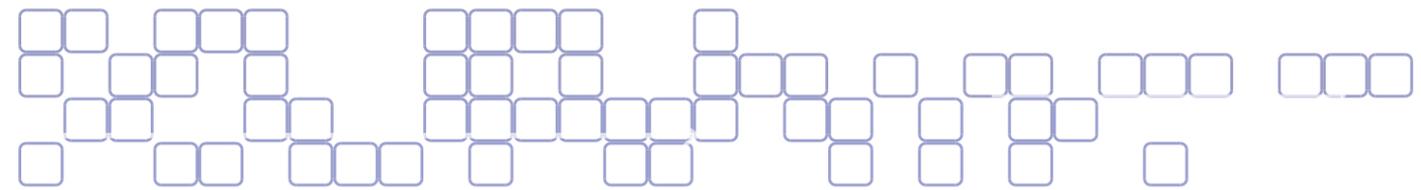
Nesse par mínimo, os sinais se diferenciam apenas pela configuração de mão, pois a locação, o movimento e a expressão facial são os mesmos nos dois sinais. Essas duas configurações de mão que aqui aparecem, portanto, são fonemas nessa língua. Algumas locações e movimentos de sinais da LIBRAS, segundo os autores, também podem ser fonemas na língua.

Como se pode perceber, de acordo com o que foi explicado anteriormente, esses sinais se diferenciam apenas por um parâmetro, configurando pares mínimos da LIBRAS.

Explicitaremos a seguir nosso método de trabalho, o que explicará com detalhes como conseguimos os dados a seguir, e em seguida, citaremos os pares mínimos encontrados entre os sinais terena.

### Metodologia de trabalho de campo

Nosso método foi baseado na leitura e análise das obras já citadas até o momento, dentre outras. Além disso, procurou-se fazer trabalhos de campo cuidadosos, com respeito ao tempo e à cosmovisão terena e surda. Um trabalho de campo bem preparado e realizado é muito importante para uma boa coleta de



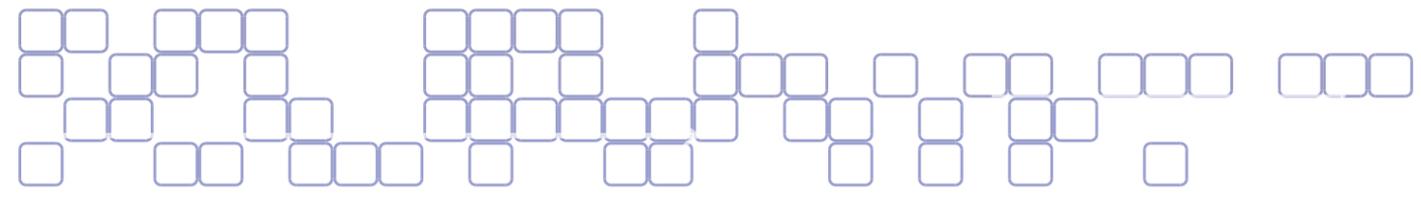
dados. De acordo com Sakel e Everett (2012), trabalho de campo é essencial para expandir nosso conhecimento sobre como a linguagem funciona. Não estamos aptos a ter novas ideias teorizando sozinhos. Dados reais são necessários para tornar descobertas válidas. Assim sendo, trabalho de campo é indispensável para desenvolvimento teórico. (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 1)

Todos os dados para nossa pesquisa foram coletados nas aldeias já citadas, ou seja, no local onde moram os informantes. Em todos os trabalhos de campo, exceto pelo primeiro, em 2011, Soares ficou instalada na casa da família de Ondina, que tem três filhos surdos e mora na aldeia Cachoeirinha, que é a aldeia onde reside a maior parte dos informantes da pesquisa.

A princípio a pesquisadora procurou conhecer a vida dos informantes surdos, como era seu dia a dia, quais eram seus gostos e preferências. O trabalho foi, na maior parte do tempo, bilíngue, com o uso de LIBRAS. Para conhecer melhor os informantes que não sabiam LIBRAS, contava sempre com a ajuda de um intérprete: alguém que interpretasse as informações em português ou em LIBRAS (no caso de intérpretes terena surdos). Isso permitia formular perguntas mais adequadas posteriormente, pois eram adequadas à realidade deles. Se algum deles dizia que gostava de futebol, por exemplo, eram feitas mais perguntas posteriormente procurando entender melhor os sinais para “gostar” e “futebol”. Tentava descobrir, por exemplo, como sinalizavam NÃO-GOSTAR, perguntava onde a pessoa jogava, em que horário, quando ela tinha jogado, quando ia jogar de novo, para então descobrir mais sinais. Com os surdos terena que falam LIBRAS, as coletas iniciais foram desafiadoras, pois eles queriam conversar com a pesquisadora apenas nessa língua.

Os terena já foram e até hoje são alvo de muito preconceito. Este foi interiorizado e transformado num preconceito às avessas, deles contra eles mesmos, contra sua própria cultura e língua oral. Não é de se espantar, portanto, que os próprios surdos terena acreditem que a LIBRAS, língua de sinais majoritária do país, seja superior à língua de sinais deles. Apesar de a pesquisadora explicar diversas vezes que a pesquisa era sobre os sinais deles e não sobre LIBRAS, e que não existe uma língua superior à outra, eles demonstravam resistência quanto a seus próprios sinais. Os informantes surdos que nunca estudaram LIBRAS, em sua maioria, demonstraram menos resistência em mostrar os sinais, porém os ouvintes





que faziam a interpretação desses sinais demonstravam muito constrangimento e apresentavam, por sua vez, essa resistência.

Essa resistência se deva talvez por não se considerarem “os donos da língua” (de sinais), e muito certamente por todo histórico de preconceito e perseguição social que já sofreram. Além disso, esses informantes que não falam LIBRAS têm, em geral, menos tempo disponível para a coleta de dados. Isso dificultou o desenvolvimento da pesquisa. Foi necessário realizar diversas adaptações ao longo de cada trabalho de campo para que dados de qualidade fossem coletados.

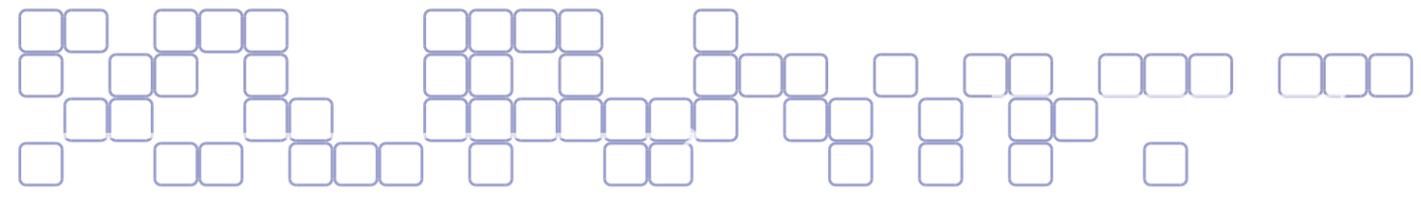
Após esse primeiro momento, de conhecer melhor a realidade dos informantes e elicitare dados baseados nesse conhecimento, de maneira bilíngue, outras técnicas para as coletas foram adotadas. Foi percebida a necessidade de se fazer um trabalho na medida do possível, também monolíngue. Assim, Soares elaborou um material com diversas imagens de campos semânticos diferentes, para perguntar a cada um deles como era o sinal para aquele referente. Isso permitiu, além de conhecer os sinais terena para cada um daqueles itens, perceber melhor a variação na realização de alguns deles, o que já havia constatado anteriormente.

Assim, foi possível perceber se há um “padrão” no uso desses sinais entre os terena, ou se há muitas diferenças, o que poderia caracterizá-los como sinais caseiros. Foi necessário, porém, cuidado na escolha de cada uma das imagens, que seriam mostradas aos informantes. Mais uma vez, não faria sentido perguntar sobre objetos que não fazem parte da realidade deles, portanto foi feita uma pesquisa sobre a fauna, a flora, alimentos e outros itens da região em que habitam e que Soares sabia, por experiência própria, que faziam parte da realidade dos terena. Esses itens foram mostrados, enquanto a pesquisadora perguntava “o que é isso?” em sinais terena (que já havia aprendido). As respostas foram filmadas e depois, na medida do possível, os sinais foram fotografados, ainda na aldeia.

Outra técnica foi mostrar aos informantes *cartoons* ocultando a fala dos personagens, para que eles possam fazer a narrativa da história. Isso ajuda a obter dados com o mínimo possível de influência de outras línguas (SAKEL; EVERETT, 2012, p. 23).

Sakel e Everetti (2012) dão ideias para um trabalho de campo (prototípico) monolíngue: eles dizem que é uma boa ideia começar a elicitacão monolíngue com objetos da natureza. No caso desta pesquisa, foram usadas câmeras (posicionadas





em tripés) desde os primeiros momentos, pois se estuda uma modalidade de comunicação visual, então, obviamente, é bastante complicado lidar com objetos, observar os sinais do informante e anotar tudo praticamente ao mesmo tempo. Devido ao fato de estar em uma situação específica, as recomendações de Sakel e Everett (op.cit) foram por nós adaptadas. Foram perguntados os nomes de objetos naturais para a realidade terena, como colar, tiara, pulseira, elástico de cabelo, pedra, graveto, folha, etc., depois de mostrar um por um e saber os sinais, mostrar cada um aos pares e procurar saber o plural de cada um e numerais. Após isso, para descobrir os possíveis “verbos”, foram realizadas diferentes coisas com os objetos. Colocar o colar, por exemplo. Anotar. Tirar o colar. Jogar no chão. Pegar do chão. Quebrar, jogar em cima de uma mesa, depois em cima de uma cadeira. Em seguida, tudo foi anotado no caderno de campo.

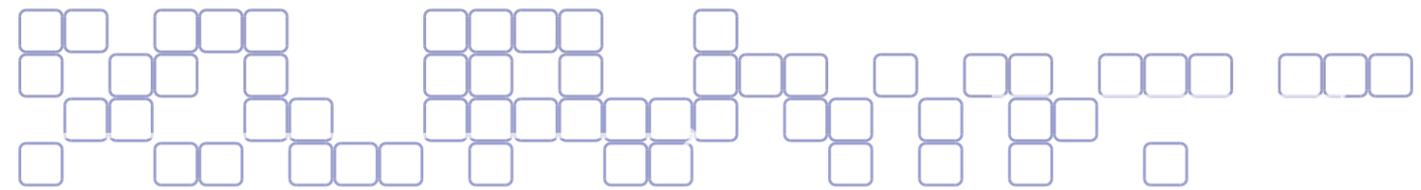
Primeiro os pesquisadores aconselham fazer isso com um, depois com dois e mais objetos ao mesmo tempo. Os autores dizem que isso pode fazer com que o pesquisador descubra numerais e números, artigos, etc. Depois conferir com outros informantes e com os mesmos, usando os sinais em outras situações que tiverem o mesmo objeto ou verbo.

Foram trabalhadas também cores e tamanhos. Foram mostrados dois objetos diferentes, como um graveto e uma folha e deixá-los cair no chão. Depois, verbos transitivos: os autores recomendam, por exemplo, bater em si mesmo e depois fingir que bate no informante, e com isso obter sentenças com dois complementos para o verbo. Depois, verbos intransitivos como “pular”, em que se tem apenas um complemento par ao verbo.

Após coletados e filmados os sinais com os surdos principalmente, e também com ouvintes que usam esses sinais, a pesquisadora fazia uma transcrição inicial do que havia filmado em cada dia de trabalho no caderno de campo e fotografava cada sinal na medida do possível, tirando dúvidas com os informantes ainda em campo. Posteriormente, os vídeos foram assistidos e outros sinais transcritos usando a língua portuguesa, sendo anotado cada parâmetro de cada um.

Ainda não existe um consenso entre pesquisadores de línguas de sinais sobre qual a melhor forma de transcrever os dados dessas línguas. Essa questão da transcrição, e também da padronização e informatização de dados de língua de sinais em uso natural tem chamado a atenção dos linguistas (McCleary; Viotti, 2010,





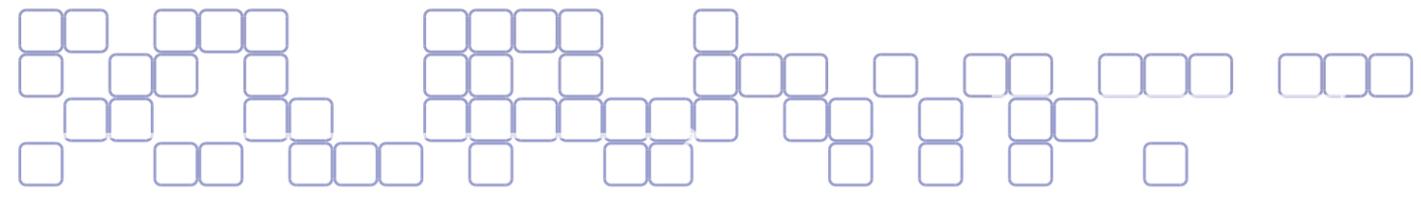
p. 265). Geralmente, no Brasil, os sinais da LIBRAS são transcritos em português. As glosas são as palavras do português que o linguista considera como mais próximas dos sinais da LIBRAS, e para serem diferenciadas de outras palavras do texto, elas são escritas em caixa alta. Se formos analisar o sinal que representa a palavra “terena”, em português, por exemplo, devemos escrever a glosa em caixa alta (TERENA) e em seguida colocar a imagem ou a sequência de imagens que representa(m) o sinal em sua forma de citação, em geral.

Sabe-se que os sinais podem mudar de acordo com o contexto em que são usados, como acontece com as palavras das línguas orais. Portanto, para facilitar a análise o linguista escolhe uma forma “neutra” do sinal, ou seja, que poderia ser usada em diversos contextos e adaptada, e a apresenta com imagens. Depois das imagens, em geral são colocadas descrições dos parâmetros dos sinais em português. São colocadas, então, as características da configuração de mão do sinal, as características da locação do sinal e assim por diante.

Alguns pesquisadores transcrevem os sinais por meio de símbolos e outros por meio de SignWriting. Entretanto, deve-se considerar o fato de que esses símbolos e principalmente o SignWriting, por ser um sistema de escrita, ou seja, um sistema limitado de representação dos sinais, podem simplificar demais as características desses sinais. Neste trabalho, consideramos que a melhor opção seria apresentar as glosas em português e apresentar as imagens de seus respectivos sinais. Os sinais terena já fotografados foram analisados novamente e os pares mínimos foram separados. Eles foram percebidos na coleta, por meio do método de descobertas de Pike, usando permuta de parâmetros como configuração de mão e movimento.

A pesquisadora também pensou em um modo de viabilizar ainda mais essas descobertas: sabendo que nas línguas de sinais, de maneira geral, alguns sinais de determinados campos semânticos são feitos sempre em contato com ou próximos de uma mesma área do corpo (FERREIRA, 2010, p. 38) a última coleta de dados foi feita, em alguns momentos, por campo semântico. Ferreira (op. cit.) coloca que sinais que envolvem a visão, por exemplo, são feitos perto dos olhos; os que se referem à alimentação, perto da boca; os que se referem a sentimentos, perto do coração e assim por diante. Soares procurou, portanto, coletar sinais que se imagina estarem relacionados à “área da cabeça” (como PENSAR, ESQUECER) um após o





outro, por exemplo, pois já imaginava que a locação seria a mesma, e os parâmetros movimento e configuração de mão e orientação da mão é que sofreriam mais mudanças. Assim foi possível descobrir alguns pares mínimos e alguns sinais que não são pares mínimos, mas são pares análogos. Alguns desses pares mínimos serão apresentados a seguir. As fotos dos sinais foram feitas por Sandro Augusto Rodrigues e Edgar Leôncio Rodrigues<sup>3</sup>.

### Exemplos de pares mínimos<sup>4</sup>: sinais TRAIR e VACA



**Figura 3:** Sinal TRAIR

Fonte: a autora

Este é o sinal dos terena para “trair”. A configuração de mão consiste em levantar o indicador, nas duas mãos, e manter os outros dedos fechados. A locação é a região superior e aos lados da cabeça. Não há movimento fonológico, apenas transicional. A expressão facial é feita com as sobrancelhas franzidas, e lábios contraídos, em expressão de desgosto.



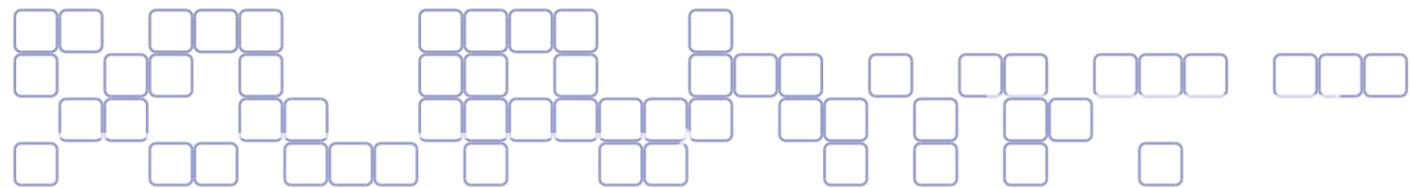
**Figura 4:** Sinal VACA

Fonte: a autora

<sup>3</sup> Todas as imagens foram feitas e publicadas com a autorização formal dos informantes da pesquisa ou seus responsáveis e os créditos foram dados aos seus respectivos autores.

<sup>4</sup>Sinalizante: Tainara.





O sinal para “vaca” tem exatamente os mesmos parâmetros, exceto pela expressão facial, que é neutra ou pode mudar de acordo com o contexto, como no caso dessa fotografia, mas nunca com a expressão facial de TRAIR. Portanto temos um par mínimo cujos fonemas são as expressões faciais neutra e com sobrancelhas e lábios contraídos.

### Sinais: EU e MEU



**Figura 5:** Sinal EU

Fonte: a autora

O sinal “meu” tem a configuração de mão com indicador levantado, locação no peito, movimento transicional, orientação da palma para dentro e expressão facial neutra.

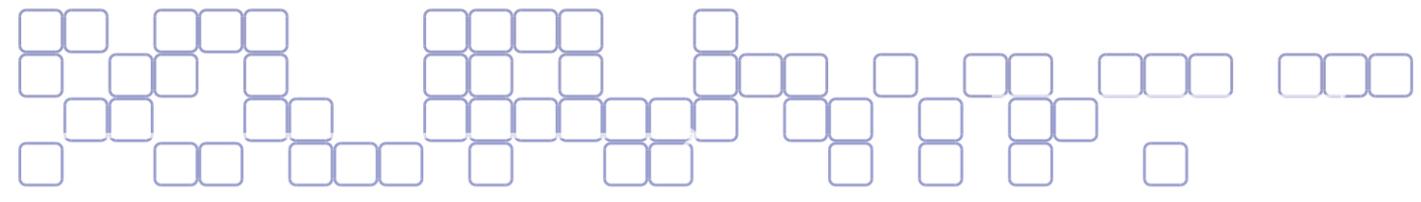


**Figura 6:** Sinal MEU

Fonte: a autora

Já no sinal “eu”, todos os parâmetros do sinal anterior se repetem, exceto por um, ou seja: a locação é no peito, o movimento é transicional, a orientação da palma é para dentro, a expressão facial é neutra, mas configuração de mão é outra. Aqui





todos os dedos da mão estão levantados. Portanto temos um par mínimo, cujos fonemas são a configuração de mão com o dedo indicador estendido e a configuração de mão com todos os dedos estendidos.

### Sinais: CAFÉ e CHÁ



Figura 7: Sinal CAFÉ

Fonte: a autora

Neste sinal, CAFÉ, a configuração de mão é composta pelos dedos indicador e polegar unidos e contraídos enquanto os outros dedos são fechados. A locação é a região ao lado da boca, o movimento é o de “puxar” para dentro, a orientação da palma é para a esquerda e a expressão facial é neutra. A boca se abre ligeiramente.



Figura 8: Sinal CHÁ (parte 1)

Fonte: a autora

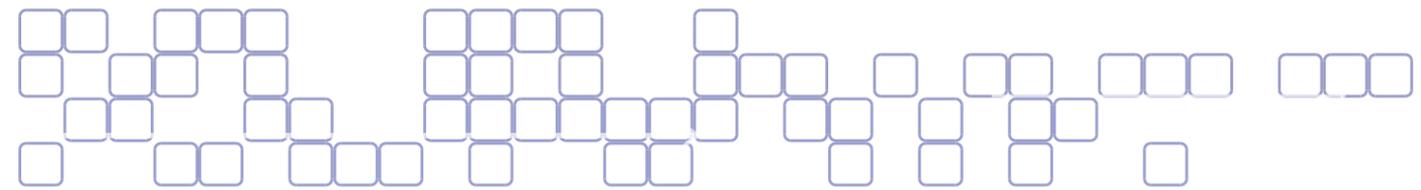


Figura 9: Sinal CHÁ (parte 1)

Fonte: a autora

Assim como no sinal anterior, neste sinal, CHÁ, a configuração de mão é composta pelos dedos indicador e polegar unidos e contraídos enquanto os outros dedos são fechados. A locação é a região ao lado da boca, o movimento é o de “puxar” para dentro, a orientação da palma é para a esquerda e a expressão facial é neutra, porém neste sinal o ‘mouthing’ determina que o falante está sinalizando





CHÁ, e não CAFÉ, pois, como é possível perceber pelas fotografias, a informante articula a palavra “chá”, da língua portuguesa (de maneira geral, os surdos terena preferem articular e oralizar palavras do português e não da língua oral terena. Eles me disseram que consideram o português mais “fácil” tanto para a leitura labial quanto para a oralização). Portanto, temos aqui um par mínimo, sendo o mouthing e a ausência do mouthing os fonemas encontrados.

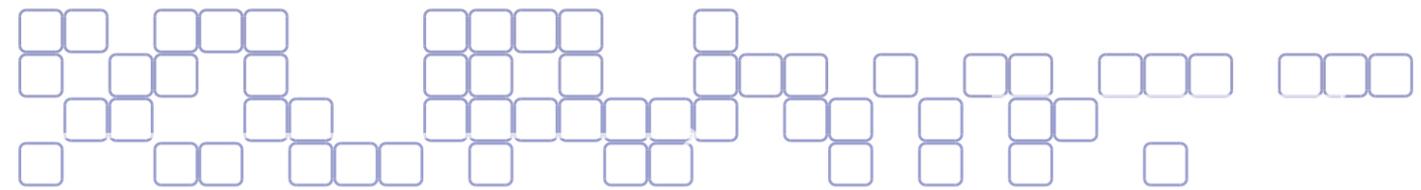
### Considerações finais

Analisando os sinais expostos de maneira geral, nos deparamos com pares mínimos, fonemas e parâmetros fonológicos existentes em qualquer língua de sinais natural (configurações de mão, movimentos, locação, expressões faciais, mouthing e outros) nos sinais usados pelos terena. Isso nos levou à hipótese de que esse sistema, composto por esses sinais, compõe uma língua estruturada. Com essa análise fonológica, a hipótese de que esses sinais seriam sinais caseiros foi inicialmente refutada, pois sinais caseiros não apresentam essa complexidade fonológica. A possibilidade de esse sistema ser uma variedade da LIBRAS também foi refutada pelo fato de os parâmetros usados na composição de cada sinal (especialmente as configurações de mão) e as combinações deles serem diferentes dos parâmetros e das combinações usados nos sinais com mesmo significado na LIBRAS. Além disso, e principalmente, muitos terena nunca aprenderam a LIBRAS. Assim, tudo indica que esse sistema usado por surdos e ouvintes terena é uma língua autônoma, uma língua de sinais do povo terena.

### REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. *Nova proposta de sílaba em LIBRAS*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2013
- BATTISON, R. *Phonological deletion in American Sign Language*. *Sign Language Studies*, 1974 v. 5: 1-19.
- BATTISON, R. *Lexical Borrowing in American Sign Language*. Silver Springs, MD: Linstok, 1978.
- FERREIRA, L. *Por uma gramática de Língua de Sinais*. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. 273p.
- FERREIRA-BRITO, L; LANGEVIN, R. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.





ISA - Instituto Socioambiental *Terras Indígenas no Brasil*. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3629#demografia> Acesso em: 28 de março de 2018

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística *Pessoas indígenas, por sexo, segundo o tronco linguístico, a família linguística e a etnia ou povo - Brasil – 2010*. Disponível

em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_dos\\_Indigenas/pdf/tab\\_1\\_14.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/tab_1_14.pdf). Acesso em: 28 de março de 2018

KLIMA, E. & BELLUGI, U. *The signsoflanguage*. Cambridge: Harvard University Press. 1979

McCLEARY, L.; VIOTTI, E; LEITE, T. Descrição das línguas sinalizadas. A questão da transcrição dos dados. *Revista Alfa*.v. 54, n. 1, 2010.

NYST, V. 2007. *A descriptive analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana)*. Utrecht: LOT.

PFAU, R. *Handwaving and headshaking? On the linguistic structure of sign languages* in *Les llengües de signes com a llengües minoritàries: perspectives lingüístiques, socials i polítiques (Actes del seminari del CUIMPB-CEL2008)* Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2010, p. 59-84.

PFAU; R.; QUER, J. 2014 *Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles* In: Diane Brentari., editor. *Sign Languages*. Cambridge UK: Cambridge University Press; 2014

PIKE, K. L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1975. (1. ed., 1947).

SAKEL, J.; EVERETT, D. *Linguistic Fieldwork: A Student Guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012

SOARES, P. A. S. *Língua terena de sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terena da Terra Indígena Cachoeirinha*. Tese de doutorado. Araraquara: UNESP, 2018 (no prelo)

STOKOE, W. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960

VAN DER KOOIJ, E. *Phonological Categories in Sign Language of the Netherlands: The Role of Phonetic Implementation and Iconicity* Unpublished PHD dissertation, Leiden University. 2002.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. *Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras*. Delta, 2014.